

A ARTE OBJETIVA E A ARTE SUBJETIVA

Certamente, a Ciência, a Arte, a Filosofia e a Religião por estes tempos se encontram divorciadas e isso é lamentável. Nos tempos antigos, a Arte era profundamente religiosa, extraordinariamente científica e filosófica. Hoje, esses quatro aspectos da psique humana estão desligados uns dos outros e, como conseqüência ou corolário, têm produzido certa involução. Distingo, precisamente, entre a Arte Subjetiva e a Arte Objetiva, diversas características da Ciência, da Filosofia e da Religião. A Arte Subjetiva está desligada dos aspectos filosóficos, místicos e científicos. Conforme o ser humano precipitou-se pelo caminho da involução e da degeneração, conforme foi se tornando cada vez mais materialista, seus sentidos foram também se deteriorando e degenerando. Vem-nos à memória uma escola da Babilônia que se dedicava a estudar tudo o que fosse relacionado ao olfato. Eles tinham um lema que dizia: “Buscar a verdade nos matizes dos odores obtidos entre o momento da ação do frio congelado e o momento da ação em decomposição do calor”.

Essa escola foi perseguida e destruída por um chefe muito terrível. Dito chefe tinha negócios muito negros, e muito prontamente os afiliados desta escola o denunciaram indiretamente.

O sentido do olfato extraordinariamente desenvolvido permitia aos alunos de dita escola descobrir muitas coisas que não convinha aos governantes. Havia outra escola muito interessante na Babilônia: a Escola dos Pintores. Esta escola tinha como lema: “Descobrir e elucidar a verdade apenas por meio das tonalidades existentes entre o branco e o negro”.

Nessa época, os afiliados de dita escola podiam utilizar normalmente e sem dificuldade alguma cerca de 1.500 matizes da cor cinza. Desde o período babilônico até estes tristes dias em que milagrosamente vivemos, os sentidos humanos se degeneraram espantosamente graças ao materialismo que Marx justifica a seu modo com o sofisma barato de sua dialética. O Eu continua depois da morte e perpetua-se em nossos descendentes. O Eu complica-se com as experiências materialistas e se robustece à custa das faculdades humanas. Conforme o Eu tenha se fortalecido através dos séculos, as faculdades humanas se degeneraram cada vez mais e mais.

Quando, na Babilônia, começaram a aparecer os primeiros sintomas do ateísmo, do ceticismo e do materialismo, a degeneração dos cinco sentidos acelerou-se de forma espantosa. Está perfeitamente demonstrado que somos o que pensamos e que se pensamos como materialistas, nos degeneramos e nos fossilizamos. Os artistas da “nova onda” têm-se convertido em verdadeiros intérpretes da dialética materialista, ou seja, da arte subjetiva.

Todo alento de espiritualidade tem desaparecido na arte ultramoderna. Já nada sabem os modernos artistas sobre a Lei do Sete; já nada sabem dos Dramas Cósmicos; já nada sabem sobre as Danças Sagradas dos Antigos Mistérios. Os tenebrosos roubaram o Teatro e o cenário, profanaram-no miseravelmente, prostituíram-no totalmente.

O sábado, dia do Teatro, o dia dos Mistérios, foi muito popular nos antigos tempos.

Então, apresentavam-se Dramas Cósmicos maravilhosos – o drama servia para transmitir aos Iniciados valiosos conhecimentos. Por meio do drama transmitiam-se aos Iniciados diversas formas de experiência do Ser e manifestações do Ser.

Os Dramas Cósmicos baseiam-se na Lei do Sete; sempre se utilizaram certos desvios inteligentes de dita Lei para transmitir aos Neófitos conhecimentos transcendentais. Os velhos Mestres do passado tampouco ignoravam a Ciência da Música. Eles sabiam combinar os sons de forma tão inteligente que provocavam impulsos distintos em cada um dos três cérebros humanos.

É bem conhecido na música que certas notas podem produzir alegria no Centro Intelectual, outras podem produzir tristeza no Centro Emocional e, por último, outras podem produzir religiosidade no Centro Motor. Realmente, os velhos Hierofantes (aqueles que ensinam coisas sagradas) jamais ignoraram que o conhecimento íntegro apenas pode ser adquirido com os três cérebros; um só cérebro não pode dar informação completa.

Cabe aqui mencionar também a Escultura; esta foi grandiosa em outros tempos. Os seres alegóricos cinzelados na dura rocha revelam que os velhos Mestres não ignoraram jamais a Lei do Sete. Recordemos a Esfinge do Egito. Ela fala-nos dos quatro elementos da natureza e das quatro condições básicas do Super-Homem.

Após a Segunda Guerra Mundial nasceu a Filosofia Existencialista (absurda) e a Arte Existencialista (também absurda). Quando assistimos aos atores existencialistas em cena, chegamos à conclusão de que são verdadeiros maníacos enfermos e perversos. Se o Marxismo seguir sendo difundido, o ser humano acabará por perder totalmente seus cinco sentidos (que estão em processo de degeneração). Está comprovado pela observação e pela experiência que a ausência dos valores espirituais produz degeneração.

A pintura atual, a música, a escultura, o drama etc., não são senão produto da degeneração. Já não aparecem no cenário os Iniciados de outros tempos, as dançarinas sagradas, os verdadeiros artistas dos Grandes Mistérios. Agora somente aparecem no palco os autômatos enfermos, cantores da nova onda, rebeldes sem causa etc. Os teatros ultramodernos são a antítese dos sagrados teatros dos Grandes Mistérios do Egito, da Grécia, da Índia etc. A arte teatral destes tempos é tenebrosa, é a antítese da luz, e os artistas modernos são tenebrosos. A pintura sub-realista e Marxista, a escultura ultramoderna, a música afro-cubana e as modernas bailarinas são o resultado da degeneração humana.

Os moços e moças da nova onda recebem, por meio de seus três cérebros degenerados, dados suficientes como para converter-se em fraudulentos, ladrões, assassinos, bandidos, homossexuais, prostitutas etc. Nada fazem os governantes para sancionar o mal da arte; tudo marcha até uma catástrofe final.

O teatro, o cinema, os videogames, a pintura, a escultura e a música atual é algo que causa danos muito graves ao ser humano. Tudo isso é a arte subjetiva. Essa é a Arte que a nada conduz.

Em outros tempos, por exemplo na Babilônia, o teatro era completamente objetivo, tinha como único fim o estudo do Carma e a ilustração que devia dar-se à platéia. Os atores não aprendiam de memória nenhum papel; aparecia alguém em cena sem haver estudado nenhum papel e sinceramente auto-explorava a si mesmo com o objetivo de saber o que mais anelava e isso que mais desejava era sobre o que falava.

Suponhamos que queria beber, então exclamava, sinceramente: “Tenho desejo de beber”. Outro ator “x”, que então aparecia, escutava aquela frase, auto-explorava a si mesmo ao ver o que sentia em seu interior, e ao que sentia, respondia: “Eu não quero beber; pelo álcool fui ao cárcere e estou na miséria”. Mas apenas se fosse isso o que havia acontecido a ele, pois não iria afirmar algo falso.

Qualquer pessoa – porque para isso tinham sempre um grupo de atores – aparecia ipso facto; também não iria dizer outra coisa senão o que sentia no fundo de sua consciência, algo que havia vivido, que se relacionava com o que esses dois estavam dizendo. “Eu” – supondo – “tive dinheiro, muito; um lugar, um repouso, uma mulher, alguns filhos, mas, por estar bebendo vinho, vejamos como acabei, senhores”.

Mais além aparecia uma pobre mulher, outra artista, e também dizia: “Quando bebia perdi meu filho por esse maldito licor”, e assim começava a desenvolver-se um drama,

uma cena improvisada, muitas vezes poderia terminar da forma mais dramática. Os escribas rigorosamente anotavam não somente o desenvolver do drama em si mesmo, senão até os resultados finais; selecionavam depois, todavia, de tal peça o melhor e, desta forma, vinham a conhecer-se os resultados cármicos de tal ou qual cena. Havia muitas cenas, cenas de amor, cenas de guerra, mas em todas surgia sempre o espontâneo, o natural, não algo que artificialmente o intelecto inventava, não; o que surgia é aquilo que cada qual, cada um dos atores havia vivido; essa é a Arte Objetiva da Babilônia.

Então, realmente, os atores eram muito diferentes. A música que se usava instruíva devidamente o cérebro emocional; essa era uma música especial, eles sabiam perfeitamente que no organismo humano existem, vamos dizer, certos gânglios que têm-se formado com os sons do Universo e sabiam manejar todos esses gânglios, todas essas partes do Ser mediante as diferentes combinações musicais; assim instruíam por meio da música o cérebro emocional.

Vocês sabem que com uma marcha marcial nos dão ganas de marchar, que uma música fúnebre nos põem a meditar, que uma música romântica nos traz recordações dos tempos idos etc., essas noites de amor; eles combinavam inteligentemente os sons para instruir também sabiamente o cérebro emocional, vejam vocês que interessante. O centro do movimento também recebia ensinamentos mediante danças sagradas; essas danças eram importantíssimas na Babilônia, cada movimento equivalia a uma letra; o conjunto de letras continha determinadas orações, determinadas teses, determinadas antíteses, determinadas instruções; assim, todo o auditório recebia uma cultura riquíssima. Era outro tipo de teatro, os artistas não se chamavam artistas, senão orfeístas, que significa: “sujeitos que sentem com inteira precisão as atividades da Essência, da Consciência”; mas, depois da cultura Greco-Romana, o teatro degenerou-se e já os artistas, os orfeístas desapareceram; surgiram então os chamados artistas, os cômicos, os atores.

Recordo muito bem que, todavia, faz uns 50 anos, pouco mais ou menos, aos atores chamava-se vulgarmente de comediantes e eram vistos com muito desprezo.

Pela Idade Média havia uma lei promulgada que obrigava aos atores a barbear-se, tirar toda aparência de masculinidade.

Com que objetivo? Em primeiro lugar, claro está que eles deviam maquiarse segundo o drama que tivessem que executar; segundo, desejava-se, antes de tudo, que eles se diferenciasssem do resto das pessoas, pois sabiam que esses atores modernos possuem uma radiação perigosa, infecciosa, e, barbeando-se, eliminando toda aparência de masculinidade, cada qual podia evitar passar perto deles, ou evitar dar-lhes a mão. Se vocês observarem cuidadosamente a vida dos chamados artistas nos teatros, sentirão e, se são um pouco sensitivos, poderão captar esse tipo de radiação que eles emitem e que infectam a mente das pessoas.

Hoje já passou este costume; já não há nenhuma lei promulgada nesse sentido contra eles, já se lhes dá a mão, já se lhes trata de igual para igual, e até se lhes deseja imitar. Assim eles podem destilar perniciosamente suas ondulações infecciosas nas mentes de todas as pessoas. Dói um pouco ter que decidir isto, porque há muitas pessoas que vivem do drama, da cena, que são atores, mas nós temos que colocar-nos no plano das realidades concretas. As pessoas que passaram pelos anos 70 lembrarão, precisamente, que faz meio século, todavia, que se lhes olhava com desdém, como simples cômicos ou comediantes etc.; claro, a eles abriu-se caminho e agora se lhes considera de igual para igual, mas não por isso deixam de emitir suas ondulações que são terrivelmente perigosas.

Naturalmente que eles aprendem papéis de memória, absolutamente subjetivos, de

coisas que existiram ou não existiram nunca; comédias, dramas que podem ter ou não ter nenhuma realidade, que são produto de suas mentes, e o honorável público ante o palco da cena “dorme” terrivelmente. Quando digo “dormem”, o ponho entre aspas; quero pois, afirmar de forma enfática que a consciência daqueles que assistem entra no sonho mais profundo. Inquestionavelmente, este tipo de Arte Subjetiva realmente vem a acabar com a necessidade das percepções reais.

Assim, pois, há duas classes de Arte: primeira a subjetiva, que é a Arte que a nada conduz e existe também a Arte Régia da Natureza, a Arte Objetiva, Real, a Arte Transcendental.

A Arte Objetiva encontramos também em todas as peças arcaicas, em todas as peças antigas, nas Pirâmides e em todos os velhos Obeliscos do Egito. No México Antigo, nos maias, nas relíquias arqueológicas dos Astecas, Zapotecas, Toltecas etc., nas pinturas de Miguel Ângelo, nos hieróglifos do Egito, nos baixo-relevos antigos do velho país dos Faraós, na China, nos velhos pergaminhos da Idade Média, dos Fenícios e Assírios etc. Também encontramos pinturas preciosas de grandes ensinamentos em todos esses velhos quadros medievais, nas catedrais gnósticas etc. A Arte Régia da Natureza é um meio transmissor dos ensinamentos cósmicos.

Fonte: <http://www.gnosisonline.org/arte-superior/a-arte-regia-da-natureza/>